

Ágio não sairá de cena

MARLENE B. JAGGI

Escassez, fila, ágio. O tripé que sustentou o abastecimento ao longo de 1986 não deverá desaparecer do cenário brasileiro nestes primeiros meses de 1987. A menos que o governo tenha a agilidade necessária para realinhar corretamente os preços da indústria; mantê-los sob controle através de um tabelamento, já na produção; e permitir, ao mesmo tempo margens menos apertadas para o comércio. Na verdade, foi a ausência desses fatores na edição do Plano Cruzado que gerou toda a crise de abastecimento, que afetou mais duramente os brasileiros a partir de maio de 86. Até então os estoques das empresas, de um lado, e a mobilização dos consumidores, que exigiam o cumprimento da tabela, de outro, garantiram a presença de mercadorias nas prateleiras.

Porém, a falta de margens a que estavam habituados tanto a indústria quanto o comércio fez com que muitas marcas, tipos e embalagens, desaparecessem e que em seu lugar nascessem os chamados "produtos maquiados" — estratégia da qual nem mesmo a carne escapou. Os combates ensaiados pela Sunab, Decom e Procom perderam seus efeitos na exata proporção em que a donade-casa não abria mão das mercadorias mais difíceis e sentia a falta de estrutura dos órgãos fiscalizadores. Erros não corrigidos, 1987 encontra o abastecimento ainda em plena crise. Da parte dos supermercados há a intenção de decididamente não comprar os itens sem margens de lucros. De parte das indústrias, há a decisão de cancelar descontos, cobrar juros e reduzir prazos de pagamentos, o que não dá margens ao comércio. Nos açougues a carne agora existe e nem mesmo a Sunab se importa com o preço cobrado: o ágio foi plenamente admitido. Nas feiras e mercados o tabelamento é incapaz de driblar a lei da oferta e a sazonalidade.

A questão agora para a Associação Paulista dos Supermercados é a grande dificuldade em corrigir todos os erros acumulados. O presidente



31/7/85

Bresser: vai melhorar

da Apas, William Eid, diz que o abastecimento tem pressa e duvida que o governo tenha a agilidade necessária para corrigir as distorções. Ele lembra, a propósito, o aumento do leite: "Corrigida uma defasagem, nasce outra: como a indústria de derivados vai operar, se terá que pagar mais pela matéria-prima, mas não ouve falar em aumento para seus produtos?" A incerteza é tanta que não há o que esperar para 1987. As perspectivas para ele, são péssimas.

Dois outros supermercadistas, porém, são menos céticos. Sílvio Bresser Pereira, do Grupo Pão de Açúcar, acredita na disposição do governo em reajustar preços e aposta numa melhoria de abastecimento. Janeiro, porém, ainda será tumultuado, ele prevê, "já que ninguém vai entregar produtos enquanto não vier aumento". Péricles Simão, diretor do supermercado Carrefour, também crê na tendência ao reajuste e afirma: "Para 87 o fundamental é haver mercadorias. Seja via realinhamento, importação ou subsídio. O importante é o governo tomar uma decisão".